

## **Auto-Retrato**

*O'Neill (Alexandre), moreno português,  
cabelo asa de corvo; da angústia da cara,  
nariguete que sobrepuja de través  
a ferida desdenhosa e não cicatrizada.  
Se a visagem de tal sujeito é o que vês  
(omita-se o olho triste e a testa iluminada)  
o retrato moral também tem os seus quês  
(aqui, uma pequena frase censurada...)  
No amor? No amor crê (ou não fosse ele O'Neill!)  
e tem a veleidade de o saber fazer  
(pois amor não há feito) das maneiras mil  
que são a semovente estátua do prazer.  
Mas sofre de ternura, bebe de mais e ri-se  
do que neste soneto sobre si mesmo disse...*

## **Cão**

*Cão passageiro, cão estrito  
Cão rasteiro cor de luva amarela,  
Apara lápis, fraldiqueiro,  
Cão liquefeito, cão estafado  
Cão de gravata pendente,  
Cão de orelhas engomadas,  
de remexido rabo ausente,  
Cão ululante, cão coruscante,  
Cão magro, tétrico, maldito,  
a desfazer-se num ganido,  
a refazer-se num latido,  
cão disparado: cão aqui,  
cão ali, e sempre cão.  
Cão marrado, preso a um fio de cheiro,  
cão a esburgar o osso  
essencial do dia a dia,  
cão estouvado de alegria,  
cão formal de poesia,  
cão-soneto de ão-ão bem martelado,  
cão moido de pancada  
e condoído do dono,  
cão: esfera do sono,  
cão de pura invenção,  
cão pré fabricado,  
cão espelho, cão cinzeiro, cão botija,  
cão de olhos que afligem,  
cão problema...  
Sai depressa, ó cão, deste poema!*

in "Abandono Vigiado"

## Portugal

Ó Portugal, se fosses só três sílabas,  
linda vista para o mar,  
Minho verde, Algarve de cal,  
jerico rapando o espinhaço da terra,  
surdo e miudinho,  
moinho a braços com um vento  
testarudo, mas embolado e, afinal, amigo,  
se fosses só o sal, o sol, o sul,  
o ladino pardal,  
o manso boi coloquial,  
a rechinante sardinha,  
a desancada varina,  
o plumitivo ladrilhado de lindos adjectivos,  
a muda queixa amendoada  
duns olhos pestanítidos,  
se fosses só a cegarrega do estio, dos estilos,  
o ferrugento cão asmático das praias,  
o grilo engaiolado, a grila no lábio,  
o calendário na parede, o emblema na lapela,  
ó Portugal, se fosses só três sílabas  
de plástico, que era mais barato!

\*

Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,  
rendeiras de Viana, toureiros da Golegã,  
não há “papo-de-anjo” que seja o meu derriço,  
galo que cante a cores na minha prateleira,  
alvura arrendada para o meu devaneio,  
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço.  
Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,  
golpe até ao osso, fome sem entretém,  
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,  
rocin engraxado,  
feira cabisbaixa,  
meu remorso,  
meu remorso de todos nós.

## **O Amor é o Amor**

O amor é o amor - e depois?!  
Vamos ficar os dois  
a imaginar, a imaginar?...

O meu peito contra o teu peito,  
cortando o mar, cortando o ar.  
Num leito  
há todo o espaço para amar!

Na nossa carne estamos  
sem destino, sem medo, sem pudor  
e trocamos — somos um? somos dois?  
espírito e calor!

O amor é o amor - e depois?

## **Gato**

Que fazes por aqui, ó gato?  
Que ambiguidade vens explorar?  
Senhor de ti, avanças, cauto,  
meio agastado e sempre a disfarçar  
o que afinal não tens e eu te empresto,  
ó gato, pesadelo lento e lesto,  
fofo no pêlo, frio no olhar!

De que obscura força és a morada?  
Qual o crime de que foste testemunha?  
Que deus te deu a repentina unha  
que rubrica esta mão, aquela cara?  
Gato, cúmplice de um medo  
ainda sem palavras, sem enredos,  
quem somos nós, teus donos ou teus servos?

## **Há Palavras que Nos Beijam**

Há palavras que nos beijam  
Como se tivessem boca.  
Palavras de amor, de esperança,  
De imenso amor, de esperança louca.

Palavras nuas que beijas  
Quando a noite perde o rosto;  
Palavras que se recusam  
Aos muros do teu desgosto.

De repente coloridas  
Entre palavras sem cor,  
Esperadas inesperadas  
Como a poesia ou o amor.

(O nome de quem se ama  
Letra a letra revelado  
No mármore distraído  
No papel abandonado)

Palavras que nos transportam  
Aonde a noite é mais forte,  
Ao silêncio dos amantes  
Abraçados contra a morte.

### **Aos Vindouros, se os Houver...**

Vós, que trabalhais só duas horas  
a ver trabalhar a cibernética,  
que não deixais o átomo a desoras  
na gandaia, pois tendes uma ética;

que do amor sabeis o ponto e a vírgula  
e vos engalfinhais livres de medo,  
sem preçários, calendários, Pílula,  
jaculatórias fora, tarde ou cedo;

computai, computai a nossa falha  
sem perfurar demais vossa memória,  
que nós fomos pràqui uma gentalha  
a fazer passamanes com a história;

que nós fomos (fatal necessidade!)  
quadrúmanos da vossa humanidade.